

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI

NOVA SERIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ZOOLOGIA

N.º 4

Março de 1957

A NIDIFICAÇÃO DO *TURDUS L. ALBIVENTER* SPIX
(Passeres: Turdidae)CORY T. DE CARVALHO
Museu Goeldi

No presente trabalho estudamos um representante do norte do Brasil dessa família tão densamente conhecida, talvez devido a maviosidade de canto de seus representantes nos diversos continentes. Quanto aos hábitos nidificantes dos Turdidae no Brasil muito pouco se conhece, havendo mesmo nesse pouco, descrições de ninhos e ovos, observações contraditórias por parte dos autores que os descreveram, motivadas talvez pela coleta interessada dos habitantes locais e informações errôneas, havendo um emaranhado nas citações de ninhos, ovos e respectivos donos. Da raça tratada somente Allen (citado por H. Ihering) descreveu o ovo e Pinto (1954:200,1) ninho e ovos, considerando-os muito próximo a *Turdus fumigatus* Licht.

A subespecie trabalhada, o sabiá branco ou caraxué (*Turdus leucomelas albiventer* Spix), habita segundo Pinto (1944:374) o sul do baixo rio Amazonas, ilhas de sua foz, desde o leste do rio Tapajoz, por todo o nordeste até o reconcavo baiano. No parque do Museu e numa capoeira alta próxima a vila Urumajó, no leste Bragantino, é a presente raça repre-

sentante mais encontradiço da família. Vivem eles nas regiões de parques, pomares e matas de crescimento secundário, mesmo nas proximidades das habitações, onde podem até freqüentar hortas e roçados. No primeiro local citado é ave exclusiva do gênero.

Apezar de arisca, apresenta-se aos nossos olhos com sua atitude esquiva, olhar agudo e pose característica; no sólo sua locomoção é saltigrada de preferência, parando vez por outra em quase imobilidade para bisbilhotar o ambiente a cata de alimento. Possui côr pouco brilhante como seus aparentados porém, é facilmente reconhecida pelo canto e altivez de porte. O mento é esbranquiçado, raiado de enegrecido em ângulo; dorso, asas e cauda castanha-azeitonado (cor 131-190); cabeça acinzentada, com iris castanho-puro; flancos e peito pardo-cinzentos; coberteiras inferiores da cauda esbranquiçadas. Os séxos são identicos em côr.

Turdus l. albiventer vive isolada ou aos casaes, sendo raro notarmos 3 ou 4 indivíduos no mesmo pouso; cantam em árvores copadas ou em ramos altos, de preferência pela manhã cedo e no ocaso do sol, embora possamos ouvi-la em horas diversas. São mais ativas em época de procriação quando encontramos-a a cata de material para o ninho, alimento animal e perseguições. Possuem um território com aproximadamente 40 ou 50 metros, quadrados que é defendido durante a nidificação dos indivíduos intraespecíficos, não dando importância aos de outras espécies.

Os ninhos conhecidos até o presente na família Turdidæ apresentam sempre uma sólida construção devido a maior ou menor quantidade de argila usada em seu fabrico, o que poderíamos dizer, identifica seu autor, aliado ao material comum aos ninhos das outras aves, raizes extraídas do solo com o bico, cauliculos e uma infinidade de fragmentos vários, dando forma ao ninho com material tão heterogêneo. Há uma peculiaridade que em certo ponto ressalta a presenta subespécie de seus coirmãos, é a quase ausência de argila-terrosa, o que também Pinto (ob. cit.) já notara nos ninhos da coleção

dizendo em quóta variavel, o que confirmamos com o material atualmente trabalhado.

O NINHO

No parque do Museu os ninhos estão sempre situados a uma altura média de 7.00 metros (de 5.85 a 9.35 m.), preferentemente na ráquis das palmeiras, bacada e tucumã (*Oenocarpus distichus* Mart. e *Astrocaryum tucuma* Mart.) a uma distância intermediária entre o caule e a ponta da folha, sempre na semi-obscuridade e em locais de pouco acesso ao olhar desatento ou em galhos simples ou forquilhas cobertas com folhas; no Inst. Agro. do Norte encontramos um ninho a 1.60 numa plantação de cará (*Dioscorea sp.*) na borda de uma capoeira baixa.

Quanto a forma é de uma tijela, forrada internamente com fibras e material pouco mais grosso, raizes e cauliculos colocados frouxamente e algo mais escasso; depois disso vem uma leve camada de raizes aquáticas em mistura com argila-terrosa que dá forma, porém nem sempre presente no caso e daí para o exterior uma grossa camada de material diverso porém mais delgado que o interno, predominando pequenas raizes, detritos, fibras, etc. pontilhado de pequenos fragmentos verdes de musgos e duma plantinha abundante nas árvores, o carrapatinho (Piperaceae — *Piperomia sp.*), sempre na parte mais externa do ninho.

O processo de construção é simples, começando com um amontoado frouxo de fragmentos de raizes diversas, musgo e o carrapatinho, que geralmente pende além da ráquis e folíolos laterais onde são apoiados dando início a base do ninho; segue-se um vai e vem acentuado, procurando trazer de cada vez maior quantidade de material possível no bico e os vai depositando e arrumando, sendo tecido com mais cuidado a parte interna com raizes mais frágeis e tenras de plantas semi-aquáticas, posteriormente e em contacto com os ovos ficam as fibras e raizes mais grossas. O processo de espalhar e tecer é feito com os pés, sendo as ábas e borda confeciona-

dos com o levantamento da cauda e o abaixamento da cabeça para o interior do ninho e forçando com os pés no sentido mais externo, provavelmente ajuda com o bico e o peito.

PARTICIPAÇÃO DOS SÉXOS

Só e unicamente um toma parte na confecção do ninho, indo e voltando com um ritmo de 2.5 minutos em média e um intervalo de 4 a 20 minutos para ir ao encontro do que cantava próximo. Provavelmente a fêmea como nas espécies afins, permanecendo o macho praticamente indiferente ou quando muito permanece nas vizinhanças proclamando seu domínio em determinado terreno; após uma série de cantos e pequenas aproximações, ela responde com um chamado e vai ao seu encontro.

ÉPOCA DE PROcriação

Pinto (ob. cit.: 200) baseado na col. Carlos Estevão limita de agosto a janeiro para o local, nossos dados antecipam um pouco mais com 2 ninhos em julho.

Os recordes citados e os atualmente encontrados são: julho 2 ninhos, agosto 2, setembro 3, outubro 3, novembro 1, dezembro 1 e janeiro 1.

OS OVOS

Devido a uma série de dificuldades não nos foi dado constatar a hora, intervalo e data exata da postura, porém verificamos com um espelho facilmente um ovo em jul. 26, no ninho 3. A postura completa consta comumente de dois ovos, sendo 2 posturas assinaladas com 3 ovos (Pinto, 1954) e uma agora encontrada, dando um total de 70% com 2 ovos. O intervalo entre cada ovo é de 24 horas aproximadamente, ou seja, em dias consecutivos, começando a incubação com o primeiro ovo. A postura no ninho 5 foi realizada a tardinha, permanecendo a fêmea longos intervalos no ninho antes de pôr os ovos, pondo-os a 30 e 31 de agosto.

Os ovos são lisos, com a cor do fundo variando entre o verde (400) e o azul-esverdeado (444 e 445) com pequenas manchas acastanhadas (193) sobre o fundo, com distribuição muito irregular, ora são excassas e bem pronunciadas, acen- tuando-se mais e aglomerando-se ao redor do polo rômico, com pequenas máculas sobrepostas as últimas, arroxeadas (624), ora se apresentam densa e difusamente espalhadas em toda a superfície do ovo quase igualmente.

A forma também se nos apresentou algo variável, no ninho 2, razoavelmente ovóide, noutros pronunciadamente acuminado num dos extremos, ninho 3, descritos respectivamente acima. As medidas tomadas foram do primeiro ninho (n.º 2) e são: 27.5 x 20.95 e 27.85 x 20.4, e pesavam cerca de 5.9 (cinco gramas e nove décimos), com uns 4 dias de incubação.

A INCUBAÇÃO

A incubação no gênero *Turdus* é sempre realizada pela fêmea (Kendeigh, 1952), sendo difícil confirmar pois são idênticos os séxos, entretanto não ouvimos cantar no ninho, mas respondia com chamados o que é peculiar a ela somente. Também o material rotulado na coleção estudada por Pinto, indica sempre a fêmea neste mister.

Durante esse período é ave tremendamente belicosa com sua espécie, pois a vimos combater sua imagem num espelho durante quase oito horas com intervalos nos quais saía do ninho ou deitava por pouco tempo; provavelmente isso provocou a perda dos ovos e a construção dum novo ninho, com distância de 20 metros e 4 dias depois de abandonar o primeiro.

Ela dorme no ninho e cuida sempre ao chegar de não ir diretamente a ele, pousando nas proximidades e tendo o cuidado de permanecer silenciosa; é ave muito desconfiada, bastando o mais leve movimento para deixar o ninho por algum tempo; e quando nele percebe tudo ao redor, girando na posição que ocupa para os diversos lados.

A duração da incubação foi cerca de 12 dias, próximo pois as espécies européias citadas por Kendeigh, 13 a 14 dias.

RITMO DE INCUBAÇÃO

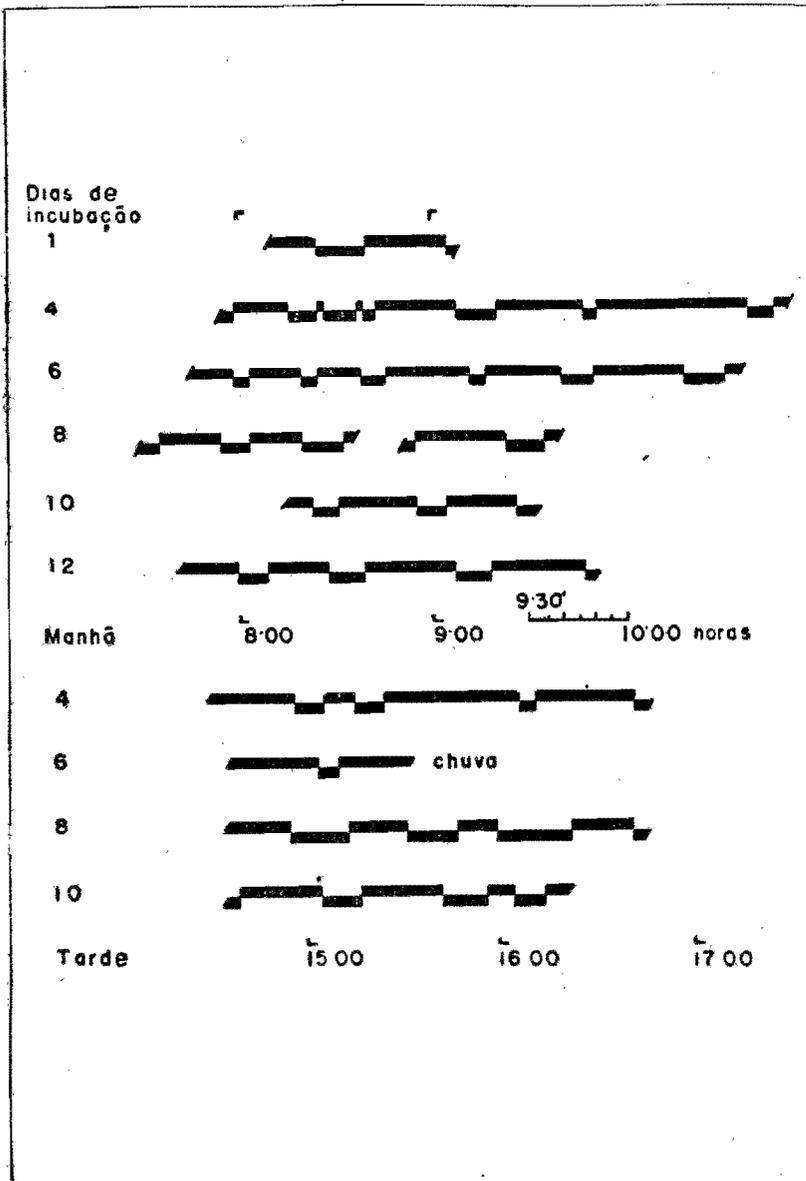


FIG. 1 — No gráfico demonstramos em minutos os períodos de atenção e recesso ao ninho. Na parte inferior da linha horizontal estão marcados os tempos de recesso e na de cima, atenção.

OS JOVENS

Os jovens após o nascimento são assistidos pelo casal, permanecendo no entanto ela no ninho, guardando-os ciosamente até do sexo oposto, pois observamos algumas vezes chegar com o alimento, estando ela em "chôco" e a mesma procurava se apoderar dele e oferecer ao filhote não levantando para ele servir ao filho. A fêmea não tenta apanhar o alimento para si, pois uma das vezes pegou e deu a um dos filhotes levantando só o peito para que aparecesse o bico de um deles.

CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO

Consideramos para efeito de desenvolvimento como data de nascimento 8 de julho. As diferentes medidas foram tomadas com 48 horas de intervalo entre elas, em horário um tanto regular, não exáto. O comprimento total foi medido com a ave em abandono na posição normal dela.

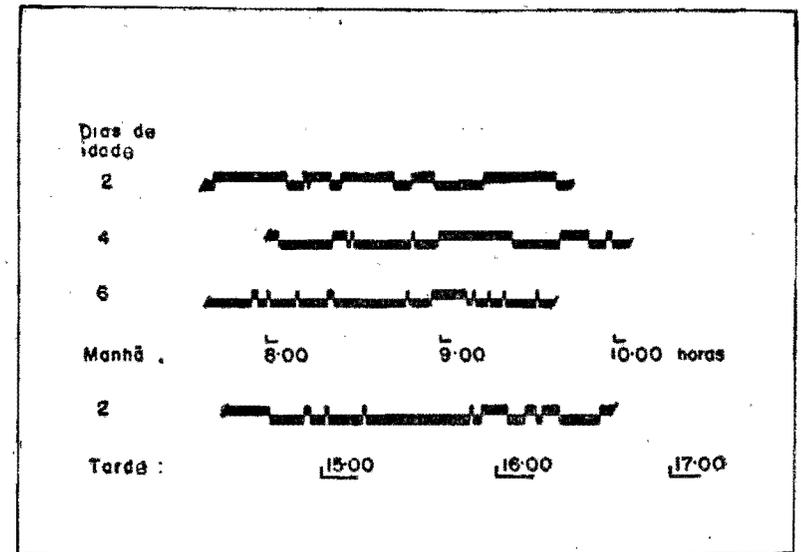


Fig. 2 — No gráfico damos o ritmo de chôco, em minutos.

Jovens com 2 dias (jul. 10). São nús, com pele amarelenta e fôska, com neoptilas escassas na região espinhal e coronal, como dois tufos, bico e tarso amarelento, pelo do abdômem meio transparente e sinal umbilical visível como um ponto enrugado; olhos fechados, com fenda oblíqua bem definida; interior do (cavidade bucal) bico amarelo forte (aproximado ao 211) tornando-se mais alaranjado na entrada da garganta; região externa do bico branco-amarelado.

As atividades são mínimas, levantam a cabeça num gesto reflexo para alimentar e abre o bico, caindo posteriormente em completa atitude de distensão muscular; já vocalizam um leve chamado.

Jovens com 4 dias (jul. 12). Idêntico ao anterior, porém com mais energia em resposta a alimentação; olhos ainda fechados; unhas esbranquiçadas.

Jovens com 6 dias (jul. 14). Já aparecem bem esboçadamente os "canos" das penas nas remiges; região dorsal, ventral e femoral; olhos fechados e levantam a parte anterior para ser alimentado; permanecem em repouso.

Jovens com 8 dias (jul. 16). Canos das penas bem desenvolvidos com 7 mm. de comprimento, todos enegrecidos, olhos levemente abertos, fixam-se já no fundo do ninho com os pés, agarrando-se; permanecem longo tempo em semi-sono e silenciosos.

Jovens com 10 dias (jul. 18). Já com os olhos bem abertos investigam e observam tudo ao redor, íris marron escura; pernas fortes porém tropegas, não sustentam nem o próprio pêso e ainda um tanto desordenado em movimentos; agarra-se ao substrato (fundo no ninho, pano, etc.); começam a aparecer as bárbulas das penas nas coberteiras medianas e grandes das primárias e nelas aparecem na região mediana e final um triângulo acastanhado (próximo ao 212); remiges, cabeça e dorso pardusco-azeitonado; coberteiras das asas com acastanhado; parte inferior dos ramos ventrais branco-puro, região crural como o dorso; mento e lados acinzentados; retrizes começando a sair os "canos"; crisso com peninhas brancas.

Jovens com 12 dias (jul. 20). Apresentam-se bem empenadinhos, com apenas os flancos e região central do abdômem despenados. Tendem a permanecer no fundo do ninho e ao mexer próximo se agacham dificultando a retirada; fixam-se fortemente ao fundo com os pés; ao sair do ninho e livres no sólo procuram ocultar a cabeça com o levantamento das asas para diante e retraem a cabeça até a altura dos olhos sob as asas. Dominam os pés razoavelmente e coçam-se frequentemente; batem asas na borda do ninho atestando seu principio de equilíbrio nos movimentos.

Jovens, 17 dias (jul. 27).

Aos 15 e 16 dias começam a andar na borda do ninho, batem asas e com 17 esboçam pequenos voos junto ao ninho e são alimentados somente no ninho pelos adultos que pousam na borda e os aguarda para alimentar, oferecendo o alimento ao primeiro que chega ao ninho.

Possuem plumagem bem desenvolvida, um tanto semelhante a dos adultos, porém o peito é bem pintado e as coberteiras superiores das asas são marcadas de alaranjado o que é peculiar aos indivíduos novos somente; começa também a desaparecer o colorido interno do bico; ambos piam "tschê" com fim de receberem as atenções dos adultos. Saem do ninho com 17-18 dias.

TABELA 1

Pêso e medidas dos jovens em desenvolvimento (gramas e décimos e milímetros).

dias	10	12	14	16	18	20 de agosto	
idade	2	4	6	8	10	12 dias	
c. total	55.	65.	80.	86.	100.	110.	102.
asas	—	14.	23.	40.	52.	63.	65.
tarso	—	30.	39.	49.	57.	57.	57.
bico	5.	—	11.	14.	15.	18.	16. x 19.
retriz	—	—	—	—	5.	10.	11.
pêso	11.5	19.5	27.1	44.3	48.5	53.3	53.2

Observação: — Só no último dia (20/VII/56) foram medidos e pesados ambos os filhotes; a largura do bico, 19 mm permaneceu a mesma desde 14 de agosto.

CUIDADO DOS PAIS

A casca dos ovos são retiradas e levadas para grandes distâncias e aí atiradas, uma delas foi encontrada a 26 metros do ninho.

O "chôco", isto é, o período que a ave deita sobre os jovens, foi de 7 ou 8 dias, sendo a fêmea a responsável por êle e dormiu no ninho por 11 dias a contar do nascimento dos jovens.

Afim de dar alimento a prole os adultos vêm ao ninho em vôos rápidos e semi-circulares, pousando e alimentando-os imediatamente; prolongam a permanência no ninho para limpar o mesmo e esperar pelo saco fecal dos filhotes.

ALIMENTAÇÃO

Ambos nutrem a prole, sendo difícil dar a frequência de cada sexo pela estreita analogia entre eles. O método utilizado é o de dar o alimento diretamente a um deles (75% das vezes) ou aos dois (25%); êsse alimento é trazido no bico, constando tanto de animais (insetos, larvas, anelideos, etc.) como frutos (no local, devido a abundância era dado o açai, *Euterpe oleracea*). O alimento animal era de difícil identificação devido a obscuridade e a rapidez com que eram doados; entretanto vimos certa ocasião um adulto matando com repetidas bicadas um centípede, que foi apresado num canteiro; é também muito comum encontrarmos sabiás no sólo catando e nas folhagens de palmeiras e árvores.

HIGIENE

A limpeza do ninho é feita pelos adultos automaticamente; é muito freqüente aparado antes mesmo de estar livre completamente o saco fecal, o que se dá como na "pipira" (*R. carbo*) pelo levantamento da parte posterior do abdômem e sacodidelas da região caudal, o que indica a aproximação do ato. Algumas vezes êsse saco fecal era levado com a ave, po-

rém ignoramos o destino pois os pássaros adultos estavam cientes de nossa presença e dividiam as atenções; nos últimos dias de vida dos filhotes no ninho vimos o adultos jogar algumas vezes fóra.

Os caroços de açai que são regurgitados pelos jovens após o desgaste da película nitriente no tubo digestivo, o que dura aproximadamente uma hora, são também catados no fundo do ninho e deglutido pelo adultos; posteriormente constatamos que também esses vomitam passado algum tempo.

A duração da faxina vai até a saída dos filhotes do ninho, havendo nesses últimos dias uma dualidade de comportamentos dos adultos com referência ao destino das fezes (saco fecal), algumas vezes vimos engulir e outras, carregados para longe e postos fóra na maioria das vezes.

VOCALIZAÇÃO

Desde o segundo dia os jovens apresentam um chamado reconhecível, melhor audível a medida que desenvolvem em idade, constando sempre de um "tschê" característico e repetido, utilizado para indicar ao adulto seu grau de fome. A 12 metros de distância já o ouvimos bem nos últimos dias que precedem a partida.

CANTO E CHAMADO

O canto desse sabiá (o adulto) é modulado e variável em sons, porém sempre puro e melodioso, bastante agradável como nos seus congêneres. Como já dissera Eurico Santos (1940:131) é um canto "simplório e tem o encanto das coisas ingênuas e primitivas"; está baseado essencialmente em assobios modulados.

Foi-nos possível diferenciar alguns tipos de canto que talvez possam ser grafados do seguinte modo:

- a) tri, téo, téo... ou; triu, qui, qui...
- b) teo, treo, tri uô, uô, uô (tsê, iê, iê...), duração 3"
- c) treo, treo, tri, ouô, ouô, auô; duração de 4 segundos

d) teo, teo, teo, triuuuu (assobio)

e) tiou, tiou, tiou, tê, tê, tê — ou: tiê, tiê duração de cinco segundos e usado pela manhã geralmente;

f) tóio, tóio, tóio, tri, i, i, i... ou: to-io, io, io, io, tri, iii — com mais uma série de variantes.

O chamado consta de simples notas monossilábicas repetidas num certo número de vezes, 3 ou 5 na maioria delas. Segundo observações num casal em véspera de saída dos filhotes, diferenciamos o chamado no macho e fêmea, sendo para o primeiro representado como um “quê” aberto em som, e no segundo um “tschê” mais fechado, contudo muito próximos, isso considerando só o macho como o cantor habitual, pois passado o motivo de apreensão (minha proximidade ao ninho) e sendo excitado por imitação do canto passou a proclamar (só o que eu acredito ser o macho) suas diversas modalidades de voz.

Os chamados básicos são:

a) quê quê, quê... (1 segundo) usado quando a ave está no ninho e fóra dele, servindo como resposta e chamado, indica também susto na ave;

b) rél, rél, rél... emitido na maioria das vezes pela manhã e fóra do ninho, seguidamente em pronunciamento.

S U M M A R Y :

1. The Spix's Thrush inhabit the secondary forest, parks lands, thorn brush, in pairs or singly.
2. The nest is placed on several kinds of trees. The nest material is gathered on the ground; it picks up several slender twigs and rootlets at one time carrying to the nest place.
3. Only the female builds the nest, and takes seven days to complete; the nest is open cup-shaped.
4. The eggs is bluish-green, more-less marked with reddish-brown and lilac spots on the round pole.

5. The set consists of two eggs at 60% of the clutch size and three at 40% They are laid on consecutive days.
6. Only the female incubates. The incubation period is about 12-13 days; it sleeps in the nest.
7. The egg shells are carried off the nest to 26 meters away.
8. A table of the incubation rhythm is given.
9. At hatching the nestling is covered with scarce natal down on the occipital and spinal tracts; the eyes are closed; the skin is yellowish. Description of various ages, weights and measurements are given.
10. They are brooded by the female during the first 7-8 days and sleeps in the nest till attaining 11 days old.
11. The food is brought in the bill and was about 55% of açai fruit, 45% various animals; at 75% of the feeding trips food is given for only one nestling and at 25% it feeds both of them.
12. The nestling left the nest with 17-18 days old and are feed by both parents.
13. In Belém, the breeding season covers the months of August to January.

LITERATURA CITADA:

- ALLEN, 1891 — On a col. Birds from Chapada, Matto Grosso. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 3:375.
- IHERING, H. 1900 — Catalogo critico comparativo de ninhos e ovos. *Rev. Mus. Paulista*, 4:197,9.
- KENDEIGH, C. 1952 — Parental Care & Evolution in Birds. *Illinois Biol. Monog.*, 22:125-253.
- PINTO, O. 1944 — Catalogo das Aves do Brasil. *Pub. Dep. Zool., S. P.*, 2:374.
- 1954 — Sobre a col. Carlos Estevão (pelé, ninhos e ovos de aves de Belém, Pará. *Pap. Avulsos, D. Z., S. P.* 11 (n.º 13):199-201.
- SANTOS, E. 1940 — Passaros do Brasil. *Ed. Brigue R. J.*
- SÉGUY, E. 1936 — Code Univ. des Couleurs. *Lib. Sci. Nat., Paris.*